

# e/bu N°26

setembro de 2007



15 anos!

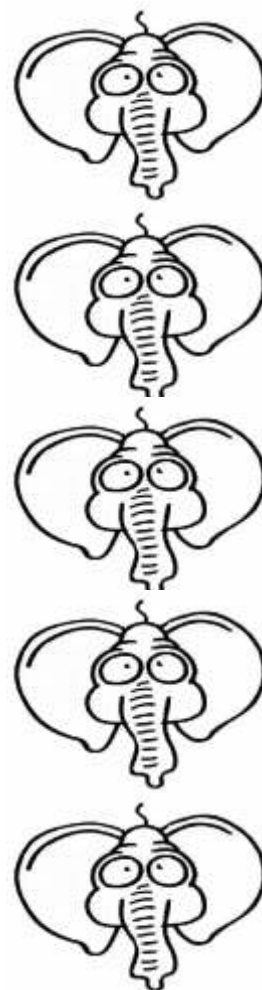
“Uma vez Flamengo, sempre Flamengo”. Existe uma grande verdade nessa frase. Não a parte que diz respeito ao Flamengo, porque uma pessoa de bom gosto vai mudar de time (hahahaha). A questão é que uma vez que se é fã de alguma coisa, sempre fã! Você pode querer deixar pra lá, fingir não se importar mais, ou até mesmo esquecer por algum tempo, já que na vida há muitas outras prioridades. Mas basta acontecer um grande evento para você se ligar de novo, ficar atento às novidades.

Todos os nomes que estão ali nos créditos (tirando o dos integrantes) são de fãs que tem a sua história particular com o Pato Fu. Um fez fã-clube, outro página na internet, mais um que fez fanzine, ou que simplesmente adorava, e etc. E agora o Elefante Bu teve o prazer de reunir essas pessoas para fazer uma homenagem aos 15 anos de existência da banda que marcou nossa juventude, e que, por mais que a gente cresça, ela sempre vai fazer parte de alguma forma.

É também uma forma de agradecimento por toda atenção que os cinco integrantes tiveram com o zine ao longo desse tempo. Em especial a Fernanda Takai, que sempre procurou ajudar, quando solicitada, ao passar pequenas informações e sugestões, com breves (mas importantíssimos) comentários, ao responder entrevistas.

Sobre a vocalista, você vai reparar no nome da própria entre os autores da entrevista com Lulu Camargo e existe uma boa razão para tal. Na ocasião da edição de aniversário do projeto Elefante Bu, que acontece em maio, pedi para Fernanda ser minha “colunista da edição”. Ela recusou o convite porque estava extremamente atarefada naquele momento e sua agenda não teria folga tão cedo. Ainda assim, Fernanda fez algumas sugestões, entre elas, uma entrevista com o Lulu e, de quebra, ainda elaborou uma pergunta. Não seria interessante produzir uma entrevista com um integrante do Pato Fu naquela edição, mas a idéia ficou guardada para uma ocasião mais interessante... como o especial de aniversário da banda. E a pergunta de Fernanda está lá no meio. Por isso ela mereceu o crédito.

A relação entre a banda e fãs está repleta de pequenos lances como esse. Parece mínimo, mas fortalece laços. É por essas e outras que o Pato Fu possui um enorme grupo de fãs tão fiéis. Para terminar, a frase clichê que demonstra o sentimento de todos: “vida longa ao Pato Fu”!



## ELEFANTE BU N° 26

EDIÇÃO, DIAGRAMAÇÃO, PRODUÇÃO E TEXTOS NÃO ASSINADOS:

Djenane Arraes

DIAGRAMAÇÃO “PORÃO WEB”:

Washington Ribeiro

CAPA:

Djenane Arraes com fotos de Washington Ribeiro, Loester Neto e Marcelo Lemos

COLABORADORES:

Washington Ribeiro e Marcelo Lemos.

AGRADECIMENTOS:

Lulu Camargo, Fernanda Takai, Ângelo Gomes, Leticia Dario, Loester Neto, Fábio Carbone, Márcio e Valéria Papa, Luciano Branco.

DISTRIBUIÇÃO:

Por e-mail

BLOG PARA DOWNLOAD:

<http://elefantebu.poraki.com.br>

CONTATO:

[elefantebu@yahoo.com.br](mailto:elefantebu@yahoo.com.br)

CANÇÕES E AFINS:

Uma overdose de Pato Fu. Mas também teve espaço para ouvir *Summer Wine*, um duo com The Corrs e Bono Vox. Essa música é muito charmosa. Aliás, essa e *Summer Sunshine* são as únicas que gosto do clã irlandês. *Sea Green*, *See Blue*, de Jaymay, delícia de música folk. Outra interessante que frequentou bastante o player foi *Merry Prayer*, do Marzipan Man (acredite ou não, é um projeto do Jordi... é aquele moleque que você está pensando hahahaha. Agora ele cresceu, está alternativo e fazendo uma música interessante). E também um pouco de clássicos que não faz mal a ninguém. A mais tocada nessa categoria foi *Good Vibrations*, da Beach Boys, seguida de *For No One*, dos Beatles.

APOIO:



# Étudo sobre Pato Fu





# Sobre o Tempo...



pato fu





fotos: divulgação, Washington Ribeiro, Loester Neto, Marcelo Lemos

No início da carreira, o Pato Fu foi comparado com os Mutantes. Nesses 15 anos, algumas coincidências e fatos aproximaram as duas bandas:

- A formação original é um trio formado por dois caras e uma garota de voz miúda;
- O Pato Fu já regravou três músicas dos Mutantes: *Qualquer Bobagem*, *Vida de Cachorro* e *Ando Meio Desligado*;
- John e Fernanda participaram do disco *3001*, de Rita Lee e a banda já participou de um especial da cantora na música *Rita Lee*;
- John produziu o mais recente disco de Arnaldo Baptista, *Let It Bed*.

Dos nove discos lançados, dois receberam disco de ouro: *Televisão de Cachorro* e *Isopor*. Curiosamente, a coletânea *Focus*, que trazia músicas dos quatro primeiros discos, foi mais vendido que os oficiais.

A Surtados Por um Gesto, projeto de John e Bob Faria, é considerada a banda "embrionária" que depois se transformaria no Pato Fu. Fernanda Takai fez parte de uma das últimas formações da "Surtados", que acabou com a saída de Bob.

O k7 "Demo Fu", tinha 13 músicas sendo que nove foram aproveitadas no disco de estréia, três no segundo (*Spoc*, *Obladi-Oblada* e *Vida de Operário*) e uma no *Tem Mas Acabou* (*Cérebro*). A música *Rotomusic de Liquidificapum* também estava presente de forma fragmentada (em faixas distintas), e ainda não havia sido feita *Hoji*, pedaço cantado por Fernanda Takai. Reza a lenda que a fita era enviada a estúdios, rádios e produtores acompanhada de um queijo mal-cheiroso para chamar atenção.

A banda teve o vídeo-clipe de *O Amor Em Carne e Osso* proibido por conter imagens não-autorizadas da Disney. Hoje ele é uma raridade que poucos fãs conhecem.

O vídeo-clipe mais famoso é o da música *Qualquer Bobagem*, mas o primeiro premiado foi o de *Sobre o Tempo*, que deu a banda o título de revelação no Vídeo Music Brasil, da MTV. Muitos outros foram premiados nesse mesmo evento, sendo que a maior parte nas categorias técnicas. A exceção e grande surpresa foi o clipe *Eu*, que ganhou na categoria Pop por votação popular. Já a frustração foi com *Antes Que Seja Tarde*, dirigido por Hugo Prata e considerado um dos mais bonitos do Pato Fu, que perdeu para a dupla Sandy e Júnior.

Fernanda Takai, John Ulhoa e Ricardo Koctus são os integrantes originais. Eles se conheceram na loja de instrumentos musicais *Guitar Shop*, onde John era o dono, Ricardo o vendedor, e Fernanda a cliente. O baterista Xande Tamiatti entrou na banda por indicação de Ricardo durante a turnê do disco *Gol de Quem?*. O tecladista Lulu Camargo só integrou o Pato Fu no disco comemorativo dos dez anos de carreira.

São nove discos:

- Rotomusic de Liquidificapum (1993);
- Gol de Quem? (1995);
- Tem Mas Acabou (1996);
- Televisão de Cachorro (1998);
- Isopor (1999);
- Ruído Rosa (2001);
- MTV ao Vivo No Museu de Arte da Pampulha (2002);
- Toda Cura Para Todo Mal (2005);
- Daqui Pro Futuro (2007).

A origem do nome Pato Fu vem de uma tirinha do Galfield, criado por Jim Davis, onde o personagem enfrentava o carteiro lutando "gato-fu". A logomarca, criada por John, faz uma alusão à bandeira japonesa em homenagem a aparelhagem eletrônica que a banda usava no início da carreira: os 128 Japs.

O Pato Fu é:

- Fernanda Takai (voz);
- John Ulhoa (guitarra e programações);
- Ricardo Koctus (baixo);
- Xante Tamiatti (bateria);
- Lulu Camargo (teclados).





A banda viajou até Londres para finalizar o disco Ruído Rosa. Foi a primeira e (até o momento) única vez que o Pato Fu saiu do país com essa finalidade. O Reino Unido é forte referência, uma vez que muitas bandas e artistas que influenciaram (sobretudo os dos anos 80) vieram de lá.

Três foram os DVDs lançados. O primeiro é o show realizado no Museu de Arte da Pampulha, e os outros dois são de vídeos-clipes.

A MTV foi uma parceira importante na carreira do Pato Fu. Além dos clipes que ficaram consagrados, e até a gravação do disco ao vivo, a banda ainda participou de dezenas de programas, quadros especiais e ainda gravou vinhetas de abertura, como a releitura do clássico *Menina Veneno* que era o tema de abertura do antigo programa de debate de Marina Person. Pato Fu marcou presença em programas do João Gordo, Lual MTV, Rock e Gol, etc. Um dos momentos mais inusitados nessa ida à MTV foi no programa especial "Romance MTV" para a ocasião do dia dos namorados. Fernanda Takai serviu de guitarrista para que Falcão (o do girassol no paletó) cantasse *Tu És o MDC*, de Raul Seixas, e sem direito a dueto. Um momento lamentável foi numa das edições do VMB, quando a vocalista foi barrada por Milton Nascimento de anunciar a atração musical que o cantor faria parte.

O Pato Fu já figurou na lista das dez melhores bandas não-estadunidenses da revista Times ao lado de nomes como Los Orichas, Aterciopelados e U2. Apesar de fazer um pop universal que agrada brasileiros e estrangeiros, o quinteto pouco saiu do país para fazer shows ao longo desses 15 anos.

A primeira vez que eles se apresentaram no exterior foi em Nova York logo no início da carreira ainda como um trio eletrônico. Shows fora do Brasil só se repetiria em 2006 numa mini-turnê em Portugal e Inglaterra.

Quando o assunto é produção, poucos nomes aparecem na assinatura dos discos: Carlos Savalla, André Abujanra e Beto Villares (um disco), Dudu Marote (três) e John Ulhoa (quatro).

Dos vários festivais que a banda participou, dois foram importantíssimos. O primeiro foi o Hollywood Rock logo no início da carreira e ajudou a levar a música do Pato Fu a mais pessoas. O outro foi o Rock in Rio III, quando tocou na mesma noite do Guns and Roses e precisou mostrar jogo de cintura para controlar os fãs dos norte-americanos.

Alguns foram os convidados especiais: André Abujanra e Karnak, Manuela Azevedo, Andrea Acheverri, Hique Gomez, Nico Nicolaiewsky e Maurício Pereira. Lulu Camargo foi o único convidado que virou integrante.

O Pato Fu é poliglota... ou pelo menos adora cantar em outros idiomas, mesmo que de um jeito bem torto e cheio de sotaque. Já fizeram música em italiano (Gimme 30), japonês (Made in Japan), francês (Spoc), espanhol (Porque Te Vas e parte de Tudo Vai Ficar Bem), inglês (Onofle, Rotomusic de Liquidificapum, Ring My Bell, Ok, All Right!, Spaceballs, the Ballad, e Day After Day). Se você considerar o português de Portugal um outro idioma de tão difícil que é entender, então acrescente na lista Boa Noite Brasil. Não é possível ter a certeza se a versão de Obladi-Obladá, do modo como foi feita, pode ser considerada em qualquer categoria.

Sempre afinado com a principais novidades do mercado tecnológico, o Pato Fu foi uma das primeiras bandas brasileiras a possuir uma página na internet e a primeira a ter uma cooperativa de sites não-oficiais organizada por fãs. A página oficial se transformou ao longo dos anos, seguindo sempre o projeto visual e idéias do disco mais recente.

ziniando

# Camargo Leila





Djenane Arraes, Fábio Carbone, Fernanda Takai  
Fotos: Ricardo Koctus

Mudanças significativas no som do Pato Fu são notadas desde o MTV ao Vivo No Museu de Arte da Pampulha. É só curtir as versões mais elaboradas e tranqüilas que algumas músicas ganharam para a ocasião especial. De lá pra cá, tudo ficou mais elegante e sofisticado. Razões para tal são atribuídas ao amadurecimento, à evolução sonora, e também a inclusão do tecladista Lulu Camargo. O cara é fera mesmo e se encaixou como uma luva. Mas a primeira grande "lembrança" que se tem do músico vem da Karnak, aquela banda cheia de malucos liderada pelo inacreditável André Abujamra que cantava "comendo uva na chuva". Lulu também fez parte de diversos projetos como o Bojo "fabricantes de canções sobre o tempo, a morte e a cidade". Fez trilhas de cinema como a do filme Castelo Rá-Tim-Bum, em parceria com Abujamra. Se pesquisar um pouco mais, vai descobrir até coisas inusitadas como a co-produção e composição de muitas músicas do disco Cruj, do programa Disney Club.

Elefante Bu - Acho que ser o mais novo integrante do Pato Fu faz você ver muitas coisas da banda com um outro olhar. Qual era a sua percepção que você tinha da banda no início? Gostava daquelas programações dos 128japs?

Lulu Camargo - Nos anos 90 eu tocava no Karnak, e as duas bandas eram amigas: eles sempre iam assistir a gente, e eu nunca perdia um show do Pato em São Paulo. De uma certa forma, achava que o som do Pato Fu tinha muito a ver com o Karnak, principalmente no senso de humor, ironia, e a queda pelo esquisito que nós tínhamos. No "fazer" da coisa era diferente, enquanto o Pato Fu usava os 128japs, a gente usava gente de verdade, tinha uma banda enorme, dois bateristas, percussão, etc... Muito mais que o lado exótico das programações, o que sempre gostei no Pato Fu eram as composições, as canções. Não desgosto das programaçõezinhas, mas acho que a banda cresceu muito com a entrada do Xande.

Elebu - Você tem alguma música ou disco favorito da banda na "era pré-Lulu"?

Lulu - Gosto muito do álbum *Gol de Quem?*. *Televisão de Cachorro* foi um álbum que escutei muito, também, acho que tem uma coleção de canções bem maduras ali. Mas *Sobre o Tempo* é de longe a minha música favorita do Pato Fu.

Elebu - Que diferenças de ambiente você sentiu ao deixar o Karnak, que tinha um palco superpovoado e músicas de todos os estilos, mas que



você fez parte desde o início, para o Pato Fu que tem menos gente e tinha uma outra história, com integrantes que moravam em outra cidade?

Lulu - Pois é como eu disse ali em cima. Além disso, o Karnak tinha um ambiente mais avacalhado, um tipo de loucura mais esculhambada. No Pato Fu a piração é mais cerebral. O Karnak seria uma taberna cheia de vikings bêbados, o Pato Fu está mais pra um laboratório de cientistas malucos. O Karnak realmente era uma família, desde o início nós éramos uma turma, até mesmo fora da música. No Pato Fu, quando entrei, era um pouco diferente, me sentia meio outsider por ser o "novato", por ser paulistano, sei lá. Mas isso acabou rapidinho, os caras sempre me acolheram muito bem em BH, hospitalidade mineira, sabe como é? Lá pelas tantas da gravação do *Toda Cura*, eu já estava me sentindo em casa. Mas continuo funcionando um pouco como o paulistano infiltrado...

Elebu - No que você acha que modificou no som da banda após sua entrada desde o disco MTV ao Vivo?

Lulu - É difícil pra mim avaliar isso. Acho que o Pato Fu, como qualquer banda que se preze, está sempre se modificando. Agora, o que mudou especificamente por minha causa, não tenho como saber objetivamente. Naturalmente, tento sempre puxar um pouco para uma sonoridade mais orgânica, assumindo partes do arranjo que, antes de mim, seriam programadas. Eu gosto de coisas simples: acho que muitas vezes a minha contribuição está mais no que deixo de tocar, nos vazios, nos silêncios. Acho que hoje em dia o som do Pato Fu está mais limpo, mais elegante, menos esquizofrênico do que era no *Rotomusic*, por exemplo - mas é claro que isso não se deve só a mim (ou devo dizer que a culpa não é só minha?).

Elebu - Agora no Pato Fu, além das programações habituais, ainda tem toda a sua

aparelhagem. Todo esse equipamento já deu pau alguma vez no meio de algum show? Que micos já ocorreram pela estrada?

Lulu - Na turnê do *Toda Cura* teve uma mudança estrutural no equipamento de show e grande parte do hardware das programações e dos teclados foi substituída por um laptop. Eu e o John ficamos quebrando a cabeça algumas semanas para adaptar tudo ao novo sistema, e por incrível que pareça, até hoje tivemos pouquíssimos problemas. É muito raro dar pau no meio do show, geralmente os problemas aparecem na passagem de som antes, e dá tempo de resolver. Se a gente consegue resolver tudo e começar o show, é praticamente nula a possibilidade de dar pau. Mas acontece. Às vezes tenho que re-bootar o laptop, daí grito pra quem tiver mais perto "conta uma piada pro público!" (Nas horas em que é preciso enrolar a platéia contando piadas é quando eu mais sinto saudade do Karnak...)

Elebu - Sobre o "Daqui Pro Futuro", é um trabalho muito homogêneo e distinto de tudo o que o Pato Fu já havia feito. Você acredita que esse climão mais tranquilo facilita a compreensão do público e na identificação do trabalho?

Lulu - Não sei. Procuo não pensar dessa forma. O clima do disco é o resultado sincero do que a banda está vivendo artisticamente neste momento, como isso vai refletir na recepção do público é algo que foge totalmente a minha compreensão e controle. Acredito que a sinceridade é o mais importante numa obra artística - se a gente for sincero, vai ressoar no coração de alguém. Entendo que o Pato Fu sempre proclamou uma "esquizofrenia musical" desde o começo, mas pra mim isso nunca foi o mais importante. O importante é que as músicas sejam boas e sinceras, mesmo que homogêneas ou não.

Elebu - Aliás, como foram as gravações do novo disco?

Lulu - Gravei muitos rascunhos de teclados no meu estúdio na minha casa em São Paulo, ficava trocando idéias de arranjos e takes de gravação com o John via Skype. Como eu e o John temos



Skype ligado direto nos nossos estúdios, foi muito cômodo. Depois, de tempos em tempos, eu ia passar uns dias em BH, e a gente finalizava as faixas. No geral foi muito rápido. Acho que como a gente estava muito na estrada, fazendo shows, a gente foi gravando, gravando, e sem perceber, o disco ficou pronto.

**Elebu - O que levou a banda a optar por lançar o disco primeiro na internet, mesmo com toda a ineficiência que ainda existe?**

Lulu - Apesar dos problemas que existem na distribuição pela Internet (que são poucos e pequenos, quando comparados ao sistema tradicional de distribuição das grandes gravadoras), é um caminho natural e inevitável. Todo mundo sabe que todas as músicas vão estar instantaneamente rodando por aí em mp3, não tem jeito. É bacana que exista uma opção para a pessoa que quer baixar o arquivo de forma legal.

**Elebu - E você sempre teve projetos bacanas, como o Tango Asimov**

**Fantástico. Tem conseguido mantê-los na ativa?**

Lulu - Não. Não sou uma pessoa multi-tarefa... Quando me dedico a um projeto, tenho que me dedicar por inteiro, senão fico tendo ataques de ansiedade paranóica. No momento optei por mergulhar de cabeça no trabalho com o Pato Fu, e também no disco solo da Fernanda, em que ela faz re-leituras do repertório da Nara Leão.

**Elebu - Ainda sobre projetos paralelos, cada integrante da banda tem o seu ou se dedica a uma atividade distinta da música. Você acha que fazer ou manter um projeto próprio faz bem a saúde da banda toda, ou pode atrapalhar em alguns momentos?**

Lulu - Cada pessoa tem a sua dinâmica, mas no geral ter um projeto paralelo é saudável. O Rick tem um trabalho solo muito interessante como compositor, e o Xande é baterista do Preto Massa, uma banda muito legal. É claro que isso pode resultar em confusão de agendas, mas com um pouco de organização dá pra coordenar tudo.

**Elebu - E para finalizar, o que tem ouvido ultimamente? Quais são as boas dicas musicais e culturais que você daria?**

Lulu - De uns tempos pra cá, com o advento da cultura iPodiana, virei um "homem shuffle". Minha programação básica é uma grande salada, infelizmente perdi o hábito de escutar um album de uma artista inteiro. Sou viciado em Last.FM, adoro ficar descobrindo novos sons por lá. A última boa surpresa que eu descobri foi a Joanna Newsom, uma cantora/harpista bem legal.





Djenane Arraes

Para alguns, o grande baterista é aquele virtuoso que marca época ao consagrar um determinado estilo. A lista desses é enorme e inclui nomes como Igor Cavaleira, no Brasil. John Bonham, Keith Moon, Dave Lombardo e Neil Peart são nomes históricos no cenário internacional. Para outros, o bom baterista é aquele que toca para a música, que sabe respeitar os espaços, o silêncio. É a discrição e elegância que Ringo Starr sempre colocou na cozinha dos Beatles. Quem sabe seja a técnica

apurada de um João Barone? Ou talvez o bom seja aquele que domine o jazz como os lendários Buddy Rich, Tony Williams e Joe Morello. E se pudéssemos condensar virtuosidade, técnica, elegância e ainda o domínio do jazz em um só cara, teríamos *Xande Tamietti*.

O caçula do Pato Fu é mineiro natural de Belo Horizonte. Começou a estudar bateria em 1988 e entrou na banda seis anos depois para substituir 128 japs. Homem-polvo que é, deixou os pobres eletrônicos comendo poeira.

Quem o observa tocar no fundo do palco por trás de uma barreira transparente fica perplexo ao notar que o mesmo cara que toca os milhares andamentos diferentes com uma mão nas costas em *Rotomusic de Liquidificapum* é o mesmo que dá o tom da elegância em *Não Mais*. Xande faz uma introdução linda com o seu instrumento em *No Aeroporto*, faz você pular com *Morro*, é o swing gostoso em *Uh, Uh, Uh, Lá, Lá, Lá, Lé, Lé*, e ainda se permite usar o silêncio numa melancólica-depressiva *Espero*. Não

tem mesmo tempo ruim para esse moço que sabe quando é a hora de brilhar e quando é o momento de se conter em favor da música.

Fico pensando se o Pato Fu teria o mesmo brilho e graça sem o seu melhor instrumentista? Acho que a resposta é negativa. É que depois dele, toda programação feita por 128 japoneses dentro de uma caixinha ficou pálida demais, sem-graça. Os recursos de computador não superam as baquetas conduzidas por um baterista de sobrenome Tamietti.

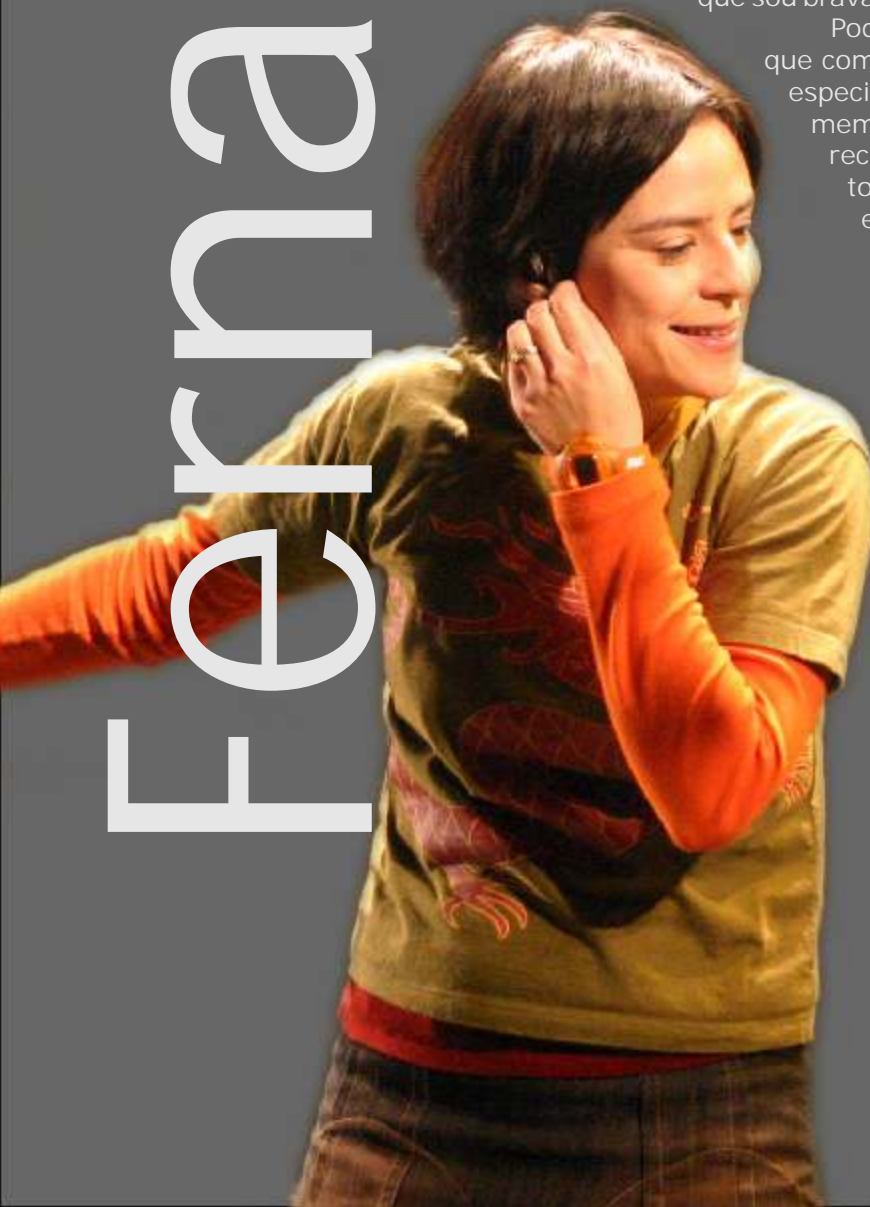
# Xande

# Tamietti



# Takai

# Fernanda



Quando recebi o convite-intimação para escrever sobre a Fernanda, vários flashes passaram pela minha cabeça e vários deles remetiam a tamanha responsabilidade em escrever algo sobre ela, afinal de contas, sou suspeito pra falar qualquer coisa do Pato Fu, principalmente da Fernanda.

Mas daí veio a dúvida, o que falar sobre ela? A pauta era livre e partia de mim a escolha do foco, do rumo. Falar do seu lado profissional seria só mais um texto sobre a vocalista do Pato Fu. Falar da doçura e suavidade de sua voz também seria "chover no molhado". Mas falar do seu carisma e simpatia com o público não seria algo tão batido assim, pelo menos fora do círculo de fãs da banda. Como não sou jornalista e nem tampouco aspirante a, deveria assumir o meu papel de fã, escrever um texto em primeira pessoa e falar sobre como é ter a Fernanda Takai como ídola, e foi o que fiz.

Para começar, diria que ser fã do Pato Fu é um caso de amor muito bem correspondido. Em todos os sentidos, seja com o lançamento de um novo álbum, seja pela presença de palco ou no reconhecimento do carinho e no respeito que a banda tem com os fãs. E a Fernanda é a embaixadora desse movimento, a relações públicas desse relacionamento bem estreito entre a banda e os fãs. E ela o faz com maestria. Quando você pensa que já viu todo o seu portfólio de manifestações de carisma e simpatia, ela te surpreende com outra ainda maior.

Para ela não basta só receber os fãs nos camarins após os shows, tem que receber com estilo e personalidade. E para tanto ela conta com uma grande aliada, sua memória de elefante. Sim, ela atende a todos pelo nome, e ela só precisa saber disso uma vez. E não duvide se ela arriscar a perguntar por sua família ou como vai aquela sua tia que andava adoentada. Se a timidez falar mais alto e você ficar sem jeito diante de Fernanda Takai, não se preocupe, ela vai fazer de tudo para que você fique a vontade e não vai deixar nenhum assunto morrer. Se morrer, ela se encarrega de puxar outro logo de imediato. E aí de alguém da equipe que maltratar algum fã, como ela mesmo diz: "sou fraquinha na força física, mas eles sabem que sou brava". E o Evaristo sabe muito bem disso.

Poderia ficar escrevendo inúmeras páginas contando sobre fatos que comprovem o que tenho dito até aqui. Mas um para mim é bem especial e marcante. O Pato Fu tocou no Rock in Rio III, em um show memorável e atípico. Estava lá em meio a 250 mil pessoas e me recordo muito bem. Quem é antenado deve lembrar que a banda tocou na mesma noite que a banda de hard rock Guns N'Roses, e deve lembrar também da tensão da banda em lidar com este público, o mesmo que arremessou garrafas em Carlinhos Brown. Pois bem, o nervosismo da Fernanda era nítido nos momentos que se dirigia e conversava com o público, mas não para deixar de realizar uma apresentação surpreendente e ainda tirar dali o trunfo que iria surpreender um fã alguns meses depois.

E foram só alguns poucos meses para que o Pato Fu voltasse a Goiânia para o show de lançamento do *Ruído Rosa*. Eu como fã, que viajava milhares de quilômetros em busca de shows do Pato Fu, não poderia deixar de ir, não só no show da cidade onde morava, mas também em todos os eventos que fizessem parte daquela ocasião. E foi em uma coletiva de imprensa da banda que tive um dos meus momentos de glória como fã, onde a Fernanda me avistou de longe e saiu rompendo o cordão de isolamento humano, que fora feito para que a banda entrasse na van, e veio ao meu encontro com um sorriso de orelha a orelha para me cumprimentar e logo dizer: "Eu falei que te vi no Rock in Rio? Mas também né, como não ver você desse tamanho". Eis que mais uma vez ela me surpreendeu, e com estilo.

Essa é Fernanda Takai, a ídola. Talvez se não fosse pelo seu carisma com os fãs, contexto do qual estou muito bem inserido, a admiração que tenho pela banda não seria o mesmo.

# Ricardo

*Washington Ribeiro*

Podemos dizer, sem dúvidas, que Ricardo Koctus é o camaleão do Pato Fu. Vendedor, baixista, cantor, compositor e fotógrafo são algumas das qualidades de podem ser aplicadas à ele. Ricardo trabalhava na loja Guitar Shop, onde John era proprietário e Fernanda comprava equipamentos, foi tudo começou e o resto da história todos já conhecem!

Nos últimos anos, com o avanço e a facilidade da tecnologia, Koctus se dedicou a arte de fotografar. Adquiriu uma máquina digital e começou a clicar tudo. Alguns dos seus trabalhos podem ser conferidos em <http://ric.no.aranhix.com> e <http://www.flickr.com/people/koctus/> onde deixa um recado:

*" Vou mandar um recado, um recado eu vou mandar, dizendo que estava errado, falando em provas de amor. Vou plantar muitas flores no caminho por onde for, cada qual de uma cor e perfume para você alegrar. Vou beijar sua boca com o sabor que mais agrada e se acaso os seus olhos cansarem os meus vão te guiar. Quando a chuva cair e em meu colo você deitar vou ser então um abrigo quando o mundo acabar. Vou cantar uma canção pra você dançar, será um breve recado para o seu coração".*

# Koectus





# Ulhoa

# John

*Luciano Branco*

Falar sobre o John é falar sobre verve musical. Com um pé no futuro, mas com pelo menos um dos ouvidos no passado, ele segue literalmente escrevendo a história peculiar do Pato Fu, uma banda assumidamente pop.

A cada disco constatamos que John faz com que o pop do Pato Fu amadureça sempre mais "classudo" seja nos arranjos elaborados, na junção de rock com eletrônica, nas atmosferas das músicas, no uso (agora) moderado do humor, nas referências musicais, já utilizadas por ele nos dois discos da sua "quase" conhecida ex-banda, a Sexo Explicito (que ainda merece ser redescoberta).

Por mais que possa parecer incoerente quanto menos começou a desempenhar o papel de cantor (são dele as maiorias das palavras cantadas por Fernanda Takai, ela é a sua voz!), mais o Pato Fu ganhou a sua cara, porque a união do seu talento de multi-instrumentista com a visão de produtor (sempre munido de geringonças eletrônicas e aparatos modernos), conduziu a banda a executar um tipo de música que consegue trafegar sem

maiores problemas entre o *underground* e o *mainstream*, sonho de dez em cada dez músicos, mas que só alguns poucos privilegiados com experiência em ambos os lados conseguem realizar.

Com o passar do tempo, John resolveu exercer com mais frequência o seu lado produtor, trabalhando com diversos artistas (Yellowfante, Wonkavision, Arnaldo Baptista, Érika Machado, Digitaria etc.), deixando claro, caso alguém ainda possa ter dúvidas, de que ele está conectado com o que há de mais moderno na música tal como o próprio Pato Fu (parcerias com Aterciopelados, Clã) que já se arriscou em cantar em outras línguas como francês, italiano, inglês, espanhol e japonês nos mais variados estilos, mostrando toda a sua vanguarda musical.

Por tudo isso John entra na galeria do Rock Nacional pela qualidade dos seus serviços prestados e pelos novos trabalhos que com certeza estão por vir e embora pareça que ele seja mais cérebro, tudo indica que é mais coração.





## Rotomusic de Liquidificapum (1993)

Quem escuta o disco pela primeira vez hoje pode ficar impressionado de como ele é tosco. Se comparar então com os últimos produzidos pelo Pato Fu, a coisa fica feia. É um treco é gritado, com uma bateria eletrônica muito esquisita feita junto com programações vindas de algo batizado pela banda de "128 Japs". Ainda assim, continua impressionante e genial. A música título é pura esquizofrenia, e mesmo depois de 15 anos, apareceu nada que fosse próximo. Nem mesmo o próprio Pato Fu conseguiu. É o disco do primeiro hit, *O Processo de Criação Vai de 10 Até 100 Mil*, música que fazia muita gente invadir o palco para dar um mosh. É também o disco que deformou de maneira impressionante o clássico *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, que nos fez ficar bestificado com as esquisitices de *Gimme 30* e *O Mundo Ainda Não Está Pronto*, de criar simpatia instantânea com *Meu Pai, Meu Irmão*. E que mesmo com toda a barulheira, ainda foi capaz de encerrar com a minimalista *O Amor Em Carne e Osso*. *Rotomusic* é um clássico absoluto do rock nacional que ainda mantém um cheiro de vanguarda. Coisas assim não surgem a todo instante.



## Gol de Quem? (1995)

O *Gol de Quem?* é inacreditável. Podem-se passar meses, anos que, quando ele é colocado para tocar, a primeira frase que vem a mente é: "esse disco é bom mesmo". Foi a mescla de hits instantâneos e improváveis (auxiliados pela MTV) que conquistou boa parte dos fãs da "velha guarda" e alçou o Pato Fu a condição de banda grande. Os clipes de *Qualquer Bobagem* e *Sobre o Tempo* marcaram época e a imagem dos então três integrantes fazendo careta no refrão "escute essa canção/ ou qualquer bobagem...", ficou no inconsciente coletivo. E há ainda maravilhas absurdas como *Mamãe Ama é o Meu Revolver*, *Onofle*, *Spoc*, *Vida Imbecil*... dá para citar todas as faixas sem pestanejar. Se é possível dividir a carreira do Pato Fu em fases, *Gol de Quem?* representa o auge da colorida e adolescente. É John cabeludo no centro do palco, Fernanda com cabelo cogumelo, camisetas da Agnus Dei e da Fourteen, shows em locais pequenos, internet começando, laços de amizades que surgiram em função do amor pela banda...



## Toda Cura Para Todo Mal (2005)

Não importa se você não gostou desse disco logo nas primeiras vezes que o escutou porque ele é daqueles que te conquista aos poucos. Alguma música acaba grudando nas audições iniciais, e quando menos se espera, lá vai o disco inteiro. Com o passar do tempo, a impressão que se tem é que o *Toda Cura Para Todo Mal* fica melhor. É, de longe, o mais sofisticado entre os nove, e também aquele que inaugura um segundo ciclo no Pato Fu: o do requinte, da tranqüilidade, da preocupação com os pequenos detalhes. Depois do *Toda Cura*, a impressão que ficou é que não existe mais razão para a esquizofrenia sonora que caracterizou a banda ao longo dos anos. Destaque para *Agridoce*, *Vida Diet* e *Tudo*.



*Tem Mas Acabou (1996)* – O último respiro da fase adolescente e colorida do Pato Fu. Mesmo sendo um disco menos inspirado que os dois anteriores, é muito divertido e delicioso de se ouvir. A sonoridade é bem mais orgânica, graças a entrada do baterista Xande Tamietti. É cheio de hits consagrados nos shows como *Capetão 66.6 FM*, *Pinga e Porque Te Vaz*. Isso sem contar as ótimas *Água*, *Nuvens*, *O Peso das Coisas* e *Lá Se Vai*. Rendeu uma das turnês mais marcantes (para os fãs) do Pato Fu.



*Televisão de Cachorro (1998)* – A fase de amadurecimento começou aqui num disco consistente e enxuto. Foi o primeiro que levou a assinatura do então midas Dudu Marote. A banda passou a se preocupar mais com letras mais simples de se entender. Some isso daí com a sonoridade mais redondinha, três grandes hits e terá como consequência o primeiro disco de ouro da carreira. A banda também mudou o visual. Trocou as roupas coloridas pela elegância e criatividade de Ronaldo Fraga.



*Isopor (1999)* – Eis um disco limpo, mais eletrônico e também o mais fraco da carreira da banda. Da mesma forma que possui grandes canções como *Imperfeito*, *Made In Japan* e a releitura cabaninha de *O Filho Predileto do Rajneesh*, além daqueles que viraram hits radiofônicos *Depois* e *Perdendo os Dentes*, tem músicas que não valem o preço. É um disco que tende a ficar cansativo com o tempo.



*Ruído Rosa (2001)* – Do tédio em branco à alucinação do negro... com rosa. É um disco sujo, pesado e com uma inspiração que não se via desde o *Gol de Quem?*. É aquele que traz *Deus*, música poderosa e polêmica que tem o melhor arranjo da carreira da banda. O Pato Fu atacou desde canções estarrecedoras como *Tribunal de Causa Realmente Pequenas*, até a bacaníssima *Sorria Você Está Sendo Filmado*. A versão de *Ando Meio Desligado* também é demolidora.



*MTV ao Vivo no Museu de Arte da Pampulha (2002)* – A celebração dos 10 anos de carreira foi uma grande festa para poucos convidados. Os fãs sortudos que puderam acompanhar a gravação do disco no local turístico de Belo Horizonte apreciaram em primeira mão as novas e deliciosas versões feitas especialmente para a ocasião. Destaque para *Sobre o Tempo* mais dançante e a participação especial do público em *Imperfeito*. Marcou a entrada de Lulu Camargo.



*Daqui Pro Futuro (2007)* – Para marcar os 15 anos da banda, nada melhor que um disco de inéditas. Ele traz um Pato Fu mais tranquilo, envelhecido e “orgânico”. Não há um grande hit, mas traz canções “cantaroláveis” e boas de se tocar no violão. É o primeiro lançado pelo próprio selo e editora da banda, a Rotomusic, em parceria com a Tratore, a maior distribuidora independente do país.





*"Porque sei calcular o valor de um amor que desponta"*

Qualquer comemoração envolve algum sentimento: de despreendimento, de vazio, de superação, de amor. Esse último, dependendo de como colocado pode ser brega, pode ser abstrato, pode ser genial... mas sempre essencial. É fato que o tema mais remexido em composições é o amor e não há problema algum. No caso do Pato Fu isso sempre foi explicitado de um jeito único, como tudo que eles fazem. É possível dar exemplos concretos, só precisa absorver a energia-fu, observar o jeito e o tom.

O que começou como um som difícil de ser comparado e letras inusitadas, se prolongou e se firmou a cada ano, a cada turnê, a cada CD novo. Há quem goste, quem só ouviu no rádio, quem coleciona e quem ama. A identificação com uma banda mostra muito sobre uma pessoa. Envolve atitude. Parece que o fã absorve mais do que aquela mensagem direta. Ele se inspira e faz disso uma motivação a mais até para se achar. E como cada um interpreta de um jeito é bom ressaltar que o poder da música-fu vai além... "Faz um tempo eu quis/ Fazer uma canção/ Pra você viver mais". Conseguiram, com todos os méritos possíveis.

Discorrendo pela trajetória é fácil observar que se trata de uma banda antenada (por gosto e por dedicação). Da primeira *Rotomusic de Liquidificapum* até a última *1000 Guilhotinas* o público-fu só pode vibrar e se emocionar. Criando arranjos lindos, passando por produtores ótimos, festivais representativos e conquistando seu espaço, o sucesso veio gradativamente e a história da música brasileira sem Pato Fu tem um buraco. É muito relativo analisar o

que é sucesso (não só no Brasil), o que realmente vale nesse mercado injusto, mas está aí uma banda que teve um resultado feliz. Uma banda que passa a nítida sensação de respeito, de princípios sensatos e de criatividade. Sem extremos, sem limites, com eficiência, com diversidade.

Uma banda nacional que deu mais do que certo. Parece simples, mas envolve muita gente, muito trabalho e muito amor. Características imensuráveis, que nem tem como John, Fernanda, Ricardo, Xande (e agora Lulu) perceberem, espalhou! Espalhou lindamente. Está aí um trabalho conciso e original, que até quem não se identifica, respeita. Sempre fizeram do jeito deles e transformaram a cara do rock nacional.

Fica aqui um sincero agradecimento pelo Pato Fu existir e passar tudo isso nesses 15 anos, idéias, alegrias, gritarias! Devo, Suzanne Vega, Elvis estão para Pato Fu, como Pato Fu está para muitas bandas novas! "É preciso dizer".

# Dois Malucos

Márcio e Renata Papa

Três anos depois, lá estavam eles superando as dificuldades financeiras, a ausência de um carro adequado para chegar ao show, mas com a vontade ainda maior que de seis anos atrás, quando viram o primeiro show Fu. A saudade da banda e a confirmação da retomada da carreira motivaram esses dois fãs que conseguiram lembranças inesquecíveis.

Em Londrina (PR), dia 14 de maio de 2004, cercados de 8.500 pessoas e muito frio, lá estavam, correndo de palco em palco, indagando seguranças, motoristas e organizadores sobre sua banda preferida. O evento intitulado "Stock Car in Concert", ocorreu no Autódromo Internacional Ayrton Senna, em seu circuito oval. Cinco bandas, camarotes, tenda eletrônica e a principal atração da noite: Pato Fu.

Num show híbrido, como definiu previamente Fernanda Takai por e-mail, músicas do *Ruído Rosa* e do *MTV ao Vivo*, dominaram a set-list, junto a uma agradável *Agridoce*, canção do oitavo CD de carreira, a ser lançado em agosto pela nova gravadora da banda.

Por ser um evento com várias atrações, a duração do show foi pouco superior a uma hora, com 17 músicas. *Antes que Seja Tarde* soou diferente para aqueles dois, a banda dedicou a música para eles. E já que a noite era de dedicatórias, outra homenageada foi Miriam Sampaio - locutora da Folha Fm, promotora do evento - que também é fã da banda.

Foi por essa e por outras coisas mais, que esses dois acharam que vale a pena ser *Dois Malucos*, pois além do frio,

de viajarem sob chuva, dormirem na casa de parentes, sujarem sapatos e calças de barro, eles tiveram que mostrar persistência, paciência e amor à banda. Como não existiam camarins, eles saíram a procura de onde poderiam chegar os tão esperados Patos. Descobriram que eles viriam direto do hotel, atravessariam o circuito misto e chegariam ao palco com uma van. Então passaram entre os banheiros químicos e se dirigiram ao outro lado da pista, onde estavam os camarotes – cujo ingresso não possuíam – viram o Cordel do Fogo Encantado ir embora e deduziram o provável caminho dos Patos (estavam no caminho certo). Já era quase 2h da manhã quando chegaram, primeiras fotos e emoções. Fernanda até chegou a convidá-los para ir até o palco com eles de van, mas o Evaristo não deixou, o jeito foi correr atrás. Faltavam poucos minutos para a apresentação e os pedidos começaram: dedicatória no show, autógrafos, baquetas, palhetas, fotos... mas não foi só pedidos, dessa vez deram um presente à banda: pares de meias com a logomarca Pato Fu, fabricados na empresa em que trabalha Márcio.

O show começou com *Eu* e a Renata conseguiu ficar um pouco junto com a Miriam no fundo do palco. Mas a emoção dimensionava algo mais, foram para o meio do povo e o frio e a lama não foram barreiras. De repente se tocaram que poderiam voltar pelo mesmo portão que saíram e ficar em um espaço "reservado" entre o público e o palco. Passaram uma conversa nos seguranças e assistiram o show privilegiadamente em um lugar muito próximo aos músicos, até conversaram com o Ricardo entre uma música e outra.

O show continuou e *Capetão* extravasou novamente quando Fernanda se transforma, *Tribunal* e *Licitação* na seqüência foi o maior agito, muitos pulos e gritaria. De suma importância foi a alegria contagiante e disposição da banda, parece que eles começaram ontem!

Como já era sabido, *Depois* foi a última canção, trataram de ir aos fundos do palco para pegar autógrafos e tirar aquelas tradicionais fotos. Deram os pares de meias e ganharam um par de baquetas do Xande. Em papo com o Ricardo, esse mostrou imensa alegria por seu Let's Presley. Lulu Camargo ficou um pouco mais e mostrou simpatia e interesse pela cidade. John com suas conhecidas caretas fotogênicas se saiu bem. Fernanda, a mais assediada, atendeu a todos e quando indagada sobre sua filha, deixou lelé aqueles dois malucos. "Vão ao hotel amanhã entre 10 e 10 e meia para conhecerem ela!". E eles foram, no sábado às 10 horas e Fernanda apresentou-lhes Nina, que fofa, quanta beleza e graciosidade. Mais fotos e as primeiras palhetas personalizadas Pato Fu.

Agora sob sol limpo, céu anil, mas não menos barro, a 4ª etapa do Campeonato Brasileiro de Stock Car, foi mais um dos acontecimentos no final de semana desses Dois Malucos.

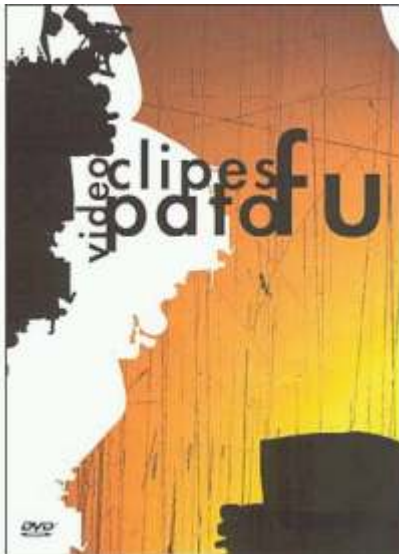


Foto: Marcelo Lemos



## MTV ao Vivo No Museu de Arte da Pampulha

Presente de dez anos da banda. Foi gravado em Belo Horizonte, no Museu de Arte da Pampulha, com a participação de convidados especiais por e-mail: os fãs. Traz releituras das principais músicas da carreira, escolhida pela própria banda, com quatro inéditas: *Nada Pra Mim*, *Não Mais*, *Me Explica* e *Por Perto*, além de convidados muitos especiais. Temos ainda legenda cifrada pra quem toca, multiângulos, galeria de fotos e discografia. Além de tudo isso, o DVD é rico em extras! Quem estiver começando a curtir a banda agora, tem que assisti-los para quando encontrar com eles não fazer as perguntas que os Patos estão cansados de responder: como tudo começou? Conta a história da banda pra mim! E os primeiros shows, como foram? Além de ter um: cada um fala de cada um. Imperdível! Só tem uma coisa que me intriga: será que tem algo escondido? Se alguém souber me conte!



## Videoclipes Pato Fu

O DVD mais esperado, com todos os clipes da banda até o MTV Ao Vivo. Todos os clipes têm comentários dos Patos, mas você pode escolher em assisti-los com comentário ou sem. Alguns clipes têm extras (fotos, making of...), alguns são muito hilários, outros curiosos, outros cinematográficos! Você é curioso? Então deixe na tela inicial até enjoar, enjoou? Deixe mais um pouquinho. Vai aparecer um pontinho piscando do lado esquerdo da tela, vá até lá e clique, lá estão escondidas gravações dos bastidores do Rock In Rio 3!



## DVD Toda Cura para Todo Mal

Estamos ficando mal acostumados. Esse DVD tem clipes de todas as músicas do CD *Toda Cura Para Todo Mal*, um feito raro para uma banda brasileira. Mas Pato Fu é Pato Fu e quem tem amigos... como diz os Patos no agradecimento do DVD. Além de toda essa extravagância, o DVD ainda é recheado de extras, onde satisfaz um pouco a curiosidade dos fãs. Lá visitamos o estúdio 128 japs, e um pouquinho do jardim da casa do John e da Fernanda, vemos a Nina curtindo e fazendo som, vemos como os sons se misturam e formam a música. Temos *Simplicidade* ao vivo com Silício, *Boa Noite Brasil* com Manuela Azevedo do Clã. Making of de *Anormal* e *Agridoce*. Videoclipe de *Noite Enluarada*, do filme *A Pessoa é Para o Que Nasce*, além de fotos. Pensa que acabou? Então volte para a página inicial, desça até "Outras Curas", aperte seta para baixo novamente e aparecerá um bonequinho do lado direito, aperte ENTER e se delicie com um videoclipe de *Vida Diet*, feito no Japão pela Fernanda e John, que gravou e editou!



# Literatura Pop

Djenane Arraes

“Se um disco pudesse ser convertido em palavras, que história ele contaria”? Na visão de Luciano Branco, o *Toda Cura Para Todo Mal* seria uma história de amor que nasceu de uma situação corriqueira, daquelas que pode ter acontecido contigo ou com um amigo seu. Roberto se apaixona por Luciana Ventania quando a conhece num bar acompanhado de seus melhores amigos. De cara, os dois viram que tinham em comum o desprezo pelos livros do Paulo Coelho. Um pouco mais de conversa e Roberto percebeu que havia muitas coisas mais que o fez se aproximar de Luciana. E a história dos dois vai se desenvolvendo e cruzando com gente como Nanda, João e Rique.

O que pode ser interpretado como uma fanfiction, na verdade tem por trás a Mojo Books, uma editora on-line voltada para publicação de e-books. É desse projeto a frase citada na abertura do texto, e o propósito é isso mesmo: construir uma biblioteca de livros pop com base em músicas. Toda semana um novo livro é colocado à disposição no site ([www.mojobooks.com.br](http://www.mojobooks.com.br)) e podem ser baixados gratuitamente mediante a um cadastro.

Luciano foi convidado pelos editores da Mojo Books a dar a sua visão a um disco do Pato Fu. Escolheu o *Toda Cura* por ser menos badalado e dali colocou vários ingredientes do universo da banda como referências a nomes de canções, artistas que influenciaram integrantes da banda e até passagens da carreira que só o fã vai identificar. “Demorei a simpatizar pelo *Toda Cura Para Todo Mal*, mas aos poucos fui percebendo que era o disco mais maduro do Pato Fu”, disse. “Procurei só contextualizar os títulos das canções porque a história do Mojo é alheia ao disco (até por ele não ser temático). Já havia pensado nessa história, mas ela seria apenas uma parte de um livro que estou escrevendo. Quando pintou a idéia da Mojo Books, não tive dúvidas que seria um bom teste para mim. A partir daí pequei a idéia e desenvolvi o que antes seria apenas um capítulo de uma história completa”.

O Mojo do *Toda Cura* está em fase de revisão e deve ser lançado ainda numa semana indefinida de setembro. Até lá, o Elebu quebrou o protocolo e disponibilizou um trecho para “abrir o paladar”. Aproveite e aguarde.



## Aperitivo

Todos nós tínhamos motivos para estar reunidos naquela noite no bar: Rique achava que finalmente havia encontrado uma garota para poder escutar com ele seus discos de Jazz; Nanda, por ainda sonhar em conhecer alguém interessante pra ficar, eu mais uma vez iria tentar reverter a grana investida numa boa noitada e a Luciana ao longo da noite iríamos saber sobre a sua obsessão por ler as tirinhas do Garfield nos jornais, e que assim que terminasse de pagar algumas dívidas iria destrancar sua faculdade de Comunicação, mas que continuaria trabalhando na loja de instrumentos até conseguir algo melhor.(...)

Continuamos conversando tranquilamente sobre, as viagens prediletas, as roubadas, os pratos preferidos, nossos jingles favoritos, os desenhos que marcaram época (pelo menos a nossa), filmes clássicos, bandas para se escutar e mais toda aquela conversa de barzinho, ou seja, sobraram clichês e despontaram mentiras.

A uma certa altura a Nanda mudou de mesa para ir colocar a conversa em dia com João, um talentoso artista alternativo, amigo nosso de longa data e que ela sempre demonstrara ter uma quedinha.

Quanto mais Luciana falava e gesticulava maior era a minha certeza de que Rique havia encontrado a mulher da minha vida. Eu estava me apaixonando pela namoradina de um amigo meu. Maldita vocação para citações pop!



Ângelo "PG" Gomes

É difícil falar de Pato Fu, afinal histórias não faltam, o complicado é escolher uma delas. Mas como o tema da edição é comemorativo, gostaria de contar a história da [www.patofans.com.br](http://www.patofans.com.br).

Na época eu já cuidava, junto com meu amigo Robinson Mioshi, do site oficial da banda e também possuía um site "não oficial" - a *FU FUN PAGE*. Se bem lembro, foi nessa época que surgiu o Elefante Bu, um e-zine muito pitoresco e curioso. Ao lado da *FU FUN PAGE*, do Elefante Bu, vários outros sites de fãs foram surgindo, creio que grande parte, fruto da ligação tão forte da

própria banda com a Internet.

Essa ligação se traduzia também em IRCentros, onde internautas "patofans" de todo Brasil se reuniam uma vez ao ano em Belo Horizonte, para concretizar ainda mais essa amizade virtual, que extrapolava os limites das salas de bate-papo (o canal #patofu na finada Brasnet).

Com as amizades se fortalecendo, os sites sobre a banda aumentando, acabei "criando" esse site, para funcionar como uma "cooperativa-fu". O resultado não poderia ser mais bacana: mais e mais sites foram se juntando e a repercussão foi muita - tantas as notinhas que saíram em revistas

e jornais do Brasil todo. Ainda tenho guardados recortes da Veja, de jornais aqui do Paraná e muitas revistas de internet e informática que citavam o site como inovador.

Com o tempo, a "piaçada" foi crescendo, casando, namorando e a coisa toda foi esfriando. Hoje o site está no ar, mas infelizmente desatualizado. De qualquer forma, acho que todos que dele participaram têm orgulho em ter contribuído, mesmo que de maneira singela, com a divulgação dessa banda que tanto nos encanta, ensina, surpreende e emociona.

Vida longa a inteligência na internet!



# IRContro Nacional dos Pato Fãs

*Dez anos depois, é bom recordar momentos marcantes dos fãs com o Pato Fu*



## *Loester Neto*

Simplees encontros virtuais não eram suficientes nem justos para aqueles que já eram verdadeiros amigos. Após anos teclando no canal #patofu do mIRC, alguns dos fãs tiveram uma idéia: por que não nos encontrarmos pessoalmente em algum lugar do Brasil? A idéia parecia genial, embora talvez nem todos pudessem ir por impossibilidades diversas. Mesmo assim valia a pena tentar. O nome desse tipo de confraternização tem um nome especial: *IRContro*, junção de IRC + encontro.

Como o canal era para discussão, prioritariamente, de assuntos relacionados ao Pato Fu, o local que logo veio à mente de todos foi à cidade de Belo Horizonte, capital do estado. Então foi marcado o 1º IRContro Nacional dos Patofãs para os dias 18, 19 e 20 de julho de 1997. Nesse ano faz uma década! Apesar de ser um 'projeto piloto' o IRContro tinha até camiseta oficial. Todos andavam pela cidade fazendo propaganda tanto da banda Pato Fu, como da novidade: a reunião de pessoas que se conheceram pela Internet.

A maioria dos que ali estavam eram apenas adolescentes que tiveram um final de semana longe dos pais para se encontrar com amigos que só conheciam, no máximo, por fotografia. Na época, nem as fotografias eram digitais. Quem tinha fotografia no computador era porque a escaneou, e, além disso, as imagens escaneadas não tinham a qualidade que têm hoje.

O local da hospedagem foi o Albergue da Juventude, a R\$ 13 o dia. Com direito a até café da manhã. Doze pessoas se dividiram em dois quartos. Até mesmo os anfitriões passaram esses dias no albergue. Eles eram Vinix e Bruno-Fu (nickname, obviamente, não nomes). Além dos dois, vieram pessoas de Goiânia, Brasília, Rio Grande do Sul e de São Paulo. Todos chamando uns aos outros apenas pelos nicknames.

A grande dúvida do IRContro era se os integrantes da banda Pato Fu apareceriam uma vez, pelo menos para fazer a 'fotografia oficial'. Mas o presente foi muito maior. A banda apareceu no albergue para levar os participantes do IRContro para um show de outra banda, o Karnak, em Ouro Preto, cidade histórica mineira, à duas horas da capital.

No dia seguinte ainda teve mais. Todos novamente tiveram um encontro com o Pato Fu. A banda os levou para almoçar. Um restaurante chinês em BH. Depois disso, todos de volta para suas casas, para suas cidades.

Os IRContros continuaram acontecendo nos anos seguintes. A diferença básica de um para o outro (apesar de que, obviamente, cada um tinha um toque especial) era a quantidade de participantes. No 2º IRContro, já era mais que o dobro. Chegaram até a fazer dois encontros num só ano: o IRContro oficial e um chamado de IRContro de verão, na cidade de Fortaleza.



# 15 anos, 15 momentos

## 1. Prêmio MTV revelação (1995), Melhor videoclipe de pop: "Eu" (2001)

Os prêmios que a banda ganhou na MTV foram importantes para impulsionar a carreira.

01



## 2. 10 anos de Pato Fu (2002)

### MTV ao vivo, na Pampulha

Para comemorar 10 anos de carreira a banda gravou o especial MTV ao vivo, no teatro da Pampulha em Belo Horizonte. A gravação foi aberta para os fãs que vieram de todo Brasil.



02



03



04



05



## 3. Renato Russo

Fã declarado da banda, o vocalista da Legião Urbana sempre divulgou o Pato Fu.

## 4. Padman

A banda utilizou o equipamento nos shows. Simulava os sons de bateria eletrônica.

## 5. Faustão (1996)

Em uma apresentação memorável para divulgação do CD Gol de quem?

06



07



08



## 6. Rock in Rio (2001)

Show para 250 mil pessoas. Fernanda machuca o dedo e mesmo sagrando continua o show. O público delira.

## 7. Xande (1996)

Entra na banda em 96 para substituir os 128 japs.

## 8. Lulu Camargo (2002)

Após as gravações do MTV ao vivo não deixa mais a banda. O Pato Fu é uma das poucas bandas que agrega componentes.



## 9. Hollywood Rock (1996)

Com o show do evento, o Pato Fu conseguiu uma projeção nacional.

## 10. Início da Banda (1992)

1992. John, Ricardo Koctus e Fernanda Takai formam o Pato Fu.

## 11. Patofans

A banda sempre contou com fãs "nerds". Com o objetivo de funcionar como um portal para os sites de fãs-clubes, surgiu o Patofans.

## 12. Ircontros

Outra grande área de atuação da banda foi os chats via IRC. A banda sempre participou dos chats no canal #patofu e nos encontros realizados em BH.



13



14



12



15



10



11

## 13. Time (2001)

Ao lado de Radiohead, U2, Aterciopelados e Orishas, o Pato Fu é escolhido como uma das bandas mais influentes do século.

## 14. Outros projetos

Em 2003, após o MTV ao Vivo a banda faz uma parada. O casal, John e Fernanda têm Nina a primeira filha do casal. Ricardo e Xande trabalham em projetos paralelos.

## 15. Fãs

O tratamento é sempre especial. Seja a primeira vez ou a milésima vez. A banda sempre tem um carinho especial com os fãs e faz questão de sempre atender.